

# tu és o tal que eu não quero

alexandra potter

Tradução de Joana Chaves

Para o meu querido *Barney*



## AGRADECIMENTOS

Um agradecimento à minha maravilhosa agente, Stephanie Cabot. Um grande obrigado a Sara Kinsella e Isobel Akenhead e a todos na Hodder, pelo seu apoio e entusiasmo. Um obrigado, como sempre, à minha mãe e pai e à minha irmã, Kelly, que foram absolutamente extraordinários. Eu não poderia de todo dedicar-me a esta atividade da escrita, sem vocês!

Obrigada também ao meu fantástico grupo de amigos, de ambos os lados do Atlântico: por me encorajarem nos bastidores, fazendo-me sorrir, dando-me inspiração e nunca me mandando calar, quando começo a falar de enredos, personagens e prazos...

E, por último, uma menção especial ao *Barney*, que se senta ao meu lado enquanto escrevo. Nunca existiu melhor musa. Que venha de lá o próximo, amigão!



## PRÓLOGO

*Veneza, Itália, 1999*

O calor do verão cria uma névoa tremeluzente, por entre a qual Veneza surge como um Canaletto ganhando vida. A cúpula da catedral de São Marcos ergue-se acima dos edifícios em tons pastel, com a sua pintura descascada e elegância envelhecida. *Vaporetti*<sup>1</sup> zumbem. Turistas aglomeram-se. Na multidão, crianças correm pela praça, dispersando os pombos; homens de fatos elegantes e óculos escuros de marca sentam-se a fumar um cigarro; um guia com o seu guarda-chuva fala de História a um grupo de turistas alemães.

E dois jovens. Eles traçam um caminho indolente pela calçada, o braço dela em volta das ancas de ganga dele, o braço deste pendendo solto sobre o sardento ombro despido daquela. Ela come um gelado e ri-se de alguma piada que ele diz, enquanto sopra no seu cigarro, agitando os braços em volta e fazendo caretas.

Sou eu e o Nathaniel. Acabámos de sair da cama há uma hora e passamos o domingo em Veneza, como sempre passamos os nossos domingos em Veneza: bebendo um *espresso*, comendo gelado e perdendo-nos pelo emaranhado de vielas que cruzam o labirinto de canais. Estive aqui todo o verão e ainda me perco. Deixando a praça, viramos uma esquina, depois outra e mais outra, e deparamo-nos com um mercado que vende coloridas peças de vidro de Murano e máscaras venezianas.

— Olha, que tal esta?

Volto-me para ver o Nathaniel a segurar uma máscara sobre o rosto. Tem umas imensas plumas rosa e está coberta de lantejoulas douradas. Ele faz uma vénia absurdamente exagerada.

— Fica-te bem — gracejo.

— Estás a fazer pouco de mim? — Ele tira a máscara da cara e franze o sobrolho.

— De tí? Nunca! — Rio-me de indignação fingida enquanto ele me faz cócegas no nariz com uma pluma.

---

<sup>1</sup> No original, em italiano, referindo-se a pequenos barcos a vapor. (N. de T.)

— Pensei em comprá-la para a minha mãe. — Ele volta a pô-la no lugar e pega noutra. Desta vez, é uma máscara grotesca com um longo nariz em gancho e olhos redondos. — Então e esta?

— Não, a primeira. Definitivamente. — Estremeço.

— *Sure?*

— *Sure.* — Tento imitar o seu sotaque americano, mas o meu arranhar de Manchester faz-me soar ridícula e ele ri-se da minha fraca tentativa.

— O que faria eu sem ti? — Ele sorri. — Embora ache que precisamos de trabalhar nessa tua pronúncia americana.

— É melhor do que a tua pronúncia britânica! — protesto eu.

— *Awright, luv, let's 'ave a butcher's* — responde ele numa mixórdia de Cockney e Lancashire, e eu desato a rir-me enquanto ele me silencia com um beijo. — Mau? — Ele finge-se magoado.

— Terrível — digo eu com simulada seriedade enquanto ele se vira para pagar a máscara.

De pé, numa mancha de sol, sorrio feliz para mim mesma. Por um instante, observo-o, a fumar o seu cigarro, tentando regatear com o vendedor. Depois, desviando o olhar, deixo que vagueie distraidamente pelo mercado. Não tenciono comprar nada — já tenho todas as minhas lembranças —, mas não há mal nenhum em ver...

O meu olhar recai sobre uma banca. Aninhada num recanto sombrio, não é bem uma banca, mais uma mesa de abrir, mas é o velho homem por detrás que atrai a minha atenção. Usando um chapéu de feltro coçado e uns grossos óculos de aros negros equilibrados na ponta do nariz, ele perscruta algo sob um pequeno foco de luz. Curiosa, escapo-me de Nathaniel e vagueio até lá para ver o que ele está a fazer.

— *Buon pomeriggio bello come sei oggi?*<sup>2</sup> — Ele levanta o olhar.

Sorrio timidamente. Sou uma nulidade em línguas. Mesmo depois de três meses em Veneza a estudar Arte Renascentista, o meu italiano ainda só se estende a «por favor», «obrigada» e «Leonardo da Vinci».

— *Inglese?*

— Sim. — Aceno com a cabeça, os meus olhos encontrando os seus.

Brilham com malícia. — O que faz uma rapariga assim bonita aqui sozinha? — Ele sorri, revelando dentes manchados por um vício de quarenta anos. Estende a mão para o cigarro, aceso num cinzeiro ao lado, e dá uma passa satisfeita.

— Oh, não estou sozinha. — Abano a cabeça e aceno a Nate, que espera

---

<sup>2</sup> No original, em italiano: *Boa-tarde, bela, como está hoje?* (N. de T.)

pelo embrulho da sua máscara. Colocando-a debaixo do braço, aproxima-se com vagar e desliza despreocupadamente o braço sobre os meus ombros.

— Ah, ser jovem e estar apaixonado! — O velho homem abana a cabeça em aprovação enquanto eu e Nate nos entreolhamos, os nossos rostos abrindo-se num sorriso embaraçado. — Tenho a coisa perfeita para vocês.

Voltamo-nos e vemo-lo a estender-nos o que parece ser uma moeda antiga.

Olho para o homem, ligeiramente confusa. — Hum... obrigada. — Sorrio, perguntando-me o que ele estará a querer fazer e então, subitamente, encaixo. Oh, céus, ele está a tentar dar-nos dinheiro. Parecemos assim tão miseráveis? Pronto, somos estudantes e o Nate parece um pouco desleixado com os seus *jeans* rasgados e o meu vestido já viu melhores dias, mas ainda assim. — Na verdade, estamos bem — começo a explicar apressadamente e estou a ponto de puxar pelo braço do Nate para longe dali quando o velho coloca a moeda numa pequena máquina e a parte ao meio.

Observo, enquanto ele abre um furo em cada metade, pelo qual faz passar um pedaço de couro. Depois, segura-as triunfantemente, balançando-as como pendentes. — Para vocês. — Sorri. — Porque são como essa moeda — explica. — Duas metades de um todo.

Fito as bordas irregulares das metades de moeda, como duas peças de um *puzzle*. Sozinhas, são apenas meia moeda partida, mas, juntas, formam um todo perfeito.

— Oh, que romântico — murmuro eu, voltando-me para Nathaniel, que me observa com uma expressão divertida. Sinto um rasgo de embaraço. — O que foi? Não achas que é? — Guincho, espetando-lhe as costelas.

— É claro que é. — Ele ri-se. — De qualquer modo, não estou sempre a chamar-te «a minha outra metade»?

— Só três mil liras — diz o velho.

Volto-me, vendo a sua mão estendida, expectante.

— Até mesmo o romance tem um preço — graceja Nathaniel, puxando da carteira.

Eu ali a pensar que o homem estava só a ser romântico quando durante todo esse tempo apenas nos queria vender algo, dou-me conta, sentindo-me tola. A sério, como sou idiota. Contudo, antes que pudesse protestar, o Nathaniel passa-lhe uma nota e enfia um dos pendentes pela cabeça.

— Vês, agora nunca nos podemos separar — brinca ele, colocando a outra metade em volta do meu pescoço. — Onde quer que vás, eu vou também.

Apesar da sua tentativa de humor, sinto-me instantaneamente esmorecer.

Daqui a poucas semanas, iremos deixar Itália e voltar para as nossas universidades, o que me aterroriza. Desde que nos conhecemos que conto os dias até termos de nos separar.

— Então? — Ao ver a minha expressão, Nate abraça-me. — Nós conseguimos contornar a cena da longa distância — tranquiliza-me, adivinhando de imediato o que me vai na cabeça. — Escrevemos. Eu posso ligar...

Penso nos meus alojamentos de estudante em Manchester. Nem sequer tenho rede fixa, quanto mais móvel, e as cartas podem parecer românticas nos livros, mas na vida real não vão substituir o aninhar do meu rosto junto ao seu pescoço, partilhar uma imensa taça de *gelato* de pistácio com ele numa tarde de domingo ou rir-me da sua terrível pronúncia inglesa.

— Acho que sim. — Aceno com a cabeça, tentando parecer forte. Não quero estragar o presente remoendo no futuro, mas é como se uma grande nuvem negra pairasse ali no ar, à espera de se abater.

— Se quiserem estar juntos, podem estar sempre juntos.

Volto-me, vendo o velho italiano a observar-nos pensativo.

— Receio que não seja assim tão simples... — enceto, mas ele interrompe.

— Não, é muito simples — diz firmemente. — Querem estar juntos?

Nathaniel empina a cabeça para o lado, como que a ponderar. — Hum... o que é que achas? — indaga em tom provocador e eu dou-lhe um soco de brincadeira. — Bem, parece-me que é um sim. Queremos. — Ele sorri, voltando-se para o vendedor.

— Bem, então... — O velho encolhe os ombros e dá uma passa no seu cigarro.

— Nós temos de voltar para casa — explico.

— Onde é casa?

Nathaniel abraça-me com mais força. — A Lucy vive em Inglaterra...

— E o Nate é da América — termino eu.

— Mas estão em Veneza — contrapõe ele, aparentemente inabalável. — Aqui, não precisam de dizer adeus. Podem estar juntos para sempre.

Afinal, é um velho gentil, decido eu. E um tanto romântico à moda antiga.

— Quem dera! — Forço o riso e aperto a mão do Nate. — Mas é impossível.

Inesperadamente, o italiano solta uma gargalhada retumbante. — Não! Não! Não é *impossível* — brada ele, batendo na mesa com a palma da sua mão. — Não conhecem a lenda da Ponte dos Suspiros?

Nathaniel franze o olhar. — Está a falar da ponte de Veneza?

— Sim. É isso! Exatamente essa! — exclama com excitação.

— Porquê? Que lenda é essa? — pergunto eu, subitamente intrigada.

Qual mágico à espera de um rufar de tambores, antes de revelar o coelho, o velho faz uma pausa para criar um efeito dramático. Só quando ficamos os dois calados e imóveis, ele começa a falar.

— A lenda é muito famosa — diz ele num tom grave. A sua voz denota aquele tipo de respeito assombrado e sussurrado, reservado às igrejas e museus, e quase tenho de reprimir uma risada. — Diz que quem se beijar debaixo da ponte ao pôr do sol, numa gôndola, quando tocam os sinos da igreja...

— Bem, não nos facilitam a coisa — murmura-me Nathaniel jocosamente ao ouvido, mas afasto-o.

— Sim? — insisto, voltando-me para o velho homem. — O que acontece?

Demorando-se no seu cigarro, exala uma nuvem de fumaça. Esta desliza-lhe para diante do rosto, como uma cortina de fumo. Quando se dissipa, os seus olhos escuros encontram os meus e, não obstante o calor sufocante, um calafrio percorre-me de repente a espinha e sinto a pele dos braços a arripiar. Ele inclina-se para mais perto, a sua voz quase um sussurro. — Viverá um amor eterno. Ficarão juntos para sempre e nada — os seus olhos deslizam para Nathaniel, depois de volta para mim —, *nada* jamais os separará.

— Nada? — repito, a minha voz mal se ouvindo.

— *Niente*. — Ele assente com a cabeça, o rosto pleno de convicção. — Ficarão unidos para sempre, por toda a eternidade.

Rio-me nervosamente, pressionando o pendente contra o calor do meu peito.

— Então, gosta? — Ele aponta para o colar.

— Oh... hum... sim. — Aceno com a cabeça, recompondo-me.

Ele sorri e estende-nos o troco, e quando lhe pego, os seus dedos de lixa roçam os meus.

— *Grazie*<sup>3</sup> — murmuro, conseguindo pronunciar uma das poucas palavras que conheço em italiano.

— *Prego*. — Ele sorri graciosamente, inclinando o chapéu.

Então, Nathaniel lança o seu braço em volta de mim, viramos costas e começamos a afastar-nos por entre o mercado, mas apenas tínhamos dado alguns passos quando ouço o velho italiano a chamar-nos: — Lembrem-se, *niente* — e olho para trás. O curioso é que ele já lá não está. Desapareceu, engolido pela multidão. Como se se tivesse simplesmente dissipado no ar.

---

<sup>3</sup> *Grazie* e *Prego* (abaixo), em italiano no original, correspondendo a *Obrigada* e *De nada*, respetivamente. (N. de T.)

## CAPÍTULO UM

*Todos procuram a sua alma gêmea.  
Faça o nosso Teste do Amor e descubra:  
Ele é o Tal?*

Céus, estas coisas são tão estúpidas.

Analisando o questionário da revista. Há uma foto de um casal que se olha nos olhos, todos melosos, decorada com cupidos desenhados e corações. Ora, *por favor*. Como se pudéssemos saber se ele é «o Tal», respondendo a umas tantas perguntas tolas de escolha múltipla.

Como, por exemplo:

Eu e o meu namorado somos como...

- a) o Batman e o Robin
- b) a Posh e o Beckham
- c) queijo e *pickles*

A sério, que ridículo!

Sou acotovelada por alguém a tentar espremer-se no espaço minúsculo ao meu lado. Olhando para cima, apercebo-me de que parámos numa estação. Lanço o olhar pela carruagem apinhada. É sexta-feira à tarde, hora de ponta, e sento-me esborrachada no Metro, a folhear as páginas de uma revista que encontrei no meu lugar. As portas fecham e quando o comboio arranca com um soluço, volto à revista. E àquele questionário idiota.

Com indiferença, viro a página. Um artigo sobre a celulite. Franzo o sobrolho.

Pensando melhor, talvez um questionário parvo não seja assim *tão* mau. Afinal, será certamente mais divertido do que ler sobre como livrar-se de umas coxas com pele casca de laranja, reflito eu, espreitando a secção dedicada ao *de-toxing*. Embora, para ser franca, acho que ninguém *se consegue* livrar de umas coxas com pele casca de laranja. Toda a gente tem celulite. Até as supermodelos!

Bem, pelo menos é o que gosto de dizer a mim mesma.

Observo de perto a granulada foto de *paparazzi* do rabo coberto com biquíni de Kate Moss, o qual foi ampliado um milhão de vezes. Para dizer a verdade, não vejo nenhuma ondulação de pele. Nem grande rabo. Com efeito, ao olhar para esta foto, não sei se a Kate Moss *terá* sequer rabo.

Subitamente, dou-me conta do que estou a fazer. Estou sentada. Em público. No metropolitano de Nova Iorque. Com o nariz encostado à foto da bochecha esquerda de um rabo. Ou será a direita? Recomponho-me. Por amor de Deus, Lucy. E achavas que o questionário era ridículo?

Apressadamente, volto a ele. Reparo que não foi preenchido. Oh, que se lixe! Ainda tenho mais cinco estações.

Procurando na minha mala, tiro para fora uma esferográfica.

Pronto, vamos lá...

1. Quando pensa nele, sente borboletas?

- a) Sim, sempre
- b) Às vezes
- c) Nunca

Bem, não lhe chamaria propriamente borboletas. Na verdade, já passou tanto tempo que as borboletas provavelmente se desenvolveram e voaram para longe. Agora é mais uma dor. Não como aquela horrível dor de dentes com que fiquei quando arranquei a massa no cinema com uma mistura de caramelos... Estremeço com a memória. Não, esta é mais como uma pontada. Aquela pontada ocasional.

Opto por b) Às vezes.

2. Há quanto tempo gosta dele?

- a) Há menos de seis meses
- b) Há um ano
- c) Há mais de um ano

A minha mente volta atrás. Conhecemo-nos no verão de 1999. Eu tinha 19 anos. O que dá... Enquanto o meu cérebro faz os cálculos, sinto um baque de constatação. Rapidamente seguido de um gancho de esquerda de autodefesa.

*Okay*, são dez anos. E depois? Dez anos não é nada. A minha mãe já conhece o meu pai há quarenta anos.

*Pois, mas a tua mãe é casada com ele*, interpõe uma vozinha dentro de mim.

Ignorando-a, rodeio apressadamente a opção c). Pronto. Próxima questão.

3. Consegue ver-se a casar com essa pessoa?
- a) 100%
  - b) 50%
  - c) Zero

Bem, esta é fácil. Zero.

Com efeito, diria que as probabilidades de casar com ele são abaixo de zero. Mas tudo tranquilo. Não há qualquer problema. É simplesmente como as coisas são, e pronto.

Está bem, no passado, *sou capaz* de ter pensado nisso. E talvez por um momento eu me tenha imaginado num vestido branco (aliás, mais um vestido de chita com renda antiga, de mangas compridas e decote em coração) e ele de chapéu alto e fraque, com o seu desalinhado cabelo louro e os velhos e coçados *Converse* a espreitar por baixo. A dançar a nossa primeira dança sob as estrelas, ao som de *No Woman, No Cry*, a nossa música favorita de Bob Marley. A partir em lua de mel na sua velha caravana VW...

Voltando à realidade, reparo que estive distraidamente a rabiscar um coração em volta do a) 100%. Merda! Porque fiz tal coisa? Perturbada, agarro na caneta e começo a riscar furiosamente por cima. Não que isso queira dizer alguma coisa. Não é nada que esteja no meu subconsciente.

Subitamente, reparo que fiz tanta força que rasguei a página.

4. Os seus amigos pensam que está obcecada por essa pessoa?

O meu corpo retesa-se na defensiva.

Penso nele de vez em quando, mas não diria que sou *obcecada*. De todo. Enfim, não o ando a perseguir ou coisa assim. Ou a inundá-lo de mensagens no Facebook. Ou a pesquisá-lo incessantemente no Google.

Está bem, confesso. Pesquisei-o uma vez no Google.

Talvez duas vezes.

Pronto, está bem, perdi-lhe a conta ao longo dos anos. Mas e depois? Quem nunca chegou a casa e pesquisou no Google sobre alguém que amam?

Esperem — acabei de dizer a *palavra começada por A*?

Do nada, o meu estômago volta-se ao contrário como uma panqueca. Reponho-o de imediato no lugar. Não queria de maneira nenhuma dizer isso! É este estúpido questionário — faz-me pensar todo o tipo de coisas.

Circulo b) Não.

Enquanto o comboio número seis prossegue o seu caminho para fora do centro, eu continuo a percorrer as questões. Estas tornam-se progressivamente mais absurdas, mas ajuda a passar o tempo. De facto, já estou na última questão...

10. Que filme descreve melhor a vossa relação?

a) *Love Story*

b) *Breve Encontro*

c) *Pesadelo em Elm Street*

... quando ganho subitamente consciência da informação lá no alto — «Forty-Second Street, Grand Central» — e apercebo-me de que estou na minha estação.

Enfiando a revista na mala, começo educadamente a tentar abrir caminho pela carruagem apinhada. É claro que ninguém me presta atenção. Desde que me mudei de Londres para Nova Iorque há poucas semanas, comecei a notar que todos os meus «*Oh, peço desculpa*», «*Dá-me licença?*» e «*Como disse?*» caíam no vazio.

Não é que os nova-iorquinos sejam indelicados. Pelo contrário, descubro que são das pessoas mais amigáveis e calorosas que já conheci. Simplesmente, a nossa maneira terrivelmente britânica de pedir desculpa por tudo tem zero efeito. Eles não compreendem porque pedimos desculpa. Para ser sincera, metade das vezes, *eu* não compreendo porque peço desculpa. É simplesmente uma coisa que fazemos. Um hábito. Como entrar no Facebook a cada cinco minutos.

Por exemplo, ontem, eu estava a atravessar a rua quando um homem colidiu comigo, entornando o café por cima de mim. E imaginem — fui *eu* quem pedi desculpa! Sim, eu! Umhas mil vezes! Quando foi totalmente culpa dele. Ele estava a falar no seu *mobile*, sem olhar para onde ia.

Desculpem, no seu telemóvel — sim, porque agora estou em Nova Iorque.

Ao pensar nisso, sinto um formigueiro pela espinha acima. Não consigo evitar. Sempre que me apanho a olhar para os arranha-céus que se erguem acima da minha cabeça, ou a descer a Broadway a caminho do trabalho, ou

a chamar um desses inconfundíveis táxis amarelos (o que fiz uma única vez, porque estou tesa, mas mesmo assim), parece que me encontro dentro de um filme. Estou aqui há seis semanas e ainda não acredito que é real. Quase espero ver a Carrie, a Miranda, a Charlotte e a Samantha a valsarem de braço dado, na minha direção.

Ao sair da estação de Metro, paro junto à passadeira para estudar o pequeno mapa desdobrável de Manhattan, que guardo na minha mala. Algumas pessoas têm uma espécie de GPS integrado, um pouco como os gatos. Podemos largá-las em qualquer lugar que conseguem encontrar sempre o caminho para casa. Eu não. Perco-me na Tesco. Certa vez, passei mais de meia hora a vaguear pelo bar de saladas à procura da caixa de saída. A sério. Desde aí, nunca mais fui capaz de encarar salada de couve.

Viro o mapa ao contrário, depois de novo. Estou baralhada. Combinei tomar uma bebida depois do trabalho, mas não faço a menor ideia de onde fica o bar. Semicerro os olhos sobre a grelha de ruas. Tudo parece bastante simples *em teoria*, mas na realidade estou constantemente a perder-me. Como se já não fosse difícil o suficiente, aqui em Nova Iorque, pode haver uma Street Qualquer Coisa Este e uma Street Qualquer Coisa Oeste. O que é uma completa confusão. Quero dizer, como se vai saber qual é qual?

Olhando para um lado e outro da rua em frustração, desisto e faço a minha rima. Estou continuamente a ficar espedada no meio da rua e a fazer uma rima. Como aquela: — Nunca Atua a Tremida Pua.

— Desculpe?

Volto-me, vendo outro peão ao meu lado, à espera para atravessar. Olha-me intrigado, a testa franzida debaixo do boné de basebol.

Oh, meu Deus, eu disse-o em voz alta?

— Hum... — balbucio embaraçada. — Nunca... hum... atravessar a te-mida rua — consigo articular precipitadamente, apontando o boneco vermelho — até o boneco dizer que é seguro.

Ele fita-me, inexpressivo. — Claro — responde, duvidoso.

Tem um daqueles sotaques nova-iorquinos de vogais bem prolongadas e reparo que carrega consigo o que parece ser uma grande câmara de vídeo e um microfone peludo. Caramba, o que será que anda a fazer? Provavelmente, está a fazer um filme ou uma cena bem fixe.

Ao contrário de mim, que recito rimas ridículas e papagueio sobre o Código da Luz Verde, apercebo-me, com as faces a ruborescer. Sentindo-me completamente *não*-fixe, desvio o olhar e rezo para que o sinal mude. — Pronto, *agora* podemos atravessar — anuncio eu com um palpar de alívio e,

lançando-lhe um sorriso constrangido, afasto-me propositadamente a passos largos por entre a multidão.

Como podem perceber, isto é o que acontece com Nova Iorque. A cidade tem uma energia extraordinária que atrai todas essas pessoas interessantes. Viramos uma esquina e podemos deparar-nos com um *set* de filmagens, ou uma banca a vender algum tipo extravagante de bijuteria, ou um grupo de artistas de rua a fazer incríveis coreografias de *hip-hop*. Nunca sabemos o que vai acontecer.

Por vezes, noite dentro, quando olho para o Empire State Building iluminado de múltiplas cores, sinto um vibrar de excitação. De antecipação. *Magia*. Quase tenho de me beliscar. Para uma rapariga vinda das profundezas de Manchester, é uma cena de conto de fadas.

Só que neste conto de fadas em particular falta uma coisa.

Caminhando por uma série de restaurantes, passo os olhos pelos casais, cúmplices em torno de uma refeição romântica. Tratando-se de uma quente tarde de verão, os restaurantes abriram as portas de par em par, transbordando as suas mesas para a rua. Sinto um aperto.

Que afasto rapidamente.

Algum tempo atrás, houve uma espécie de príncipe, mas não acabámos a viver felizes para sempre. No entanto, como referi antes, estou bem com isso. Foi há muito tempo. Segui em frente. Na verdade, desde aí, já andei com carradas de tipos diferentes.

Bem, talvez não *carradas*, mas uns tantos. E alguns deles foram bastante agradáveis. Como, por exemplo, o meu último namorado, o Sean. Conhecemo-nos numa festa e namorámos uns meses, mas nunca foi nada de muito sério. Enfim, ele era bem divertido e o sexo não era mau. Simplesmente...

Bem, tenho esta teoria. Todos sonham em encontrar a sua alma gémea. É uma busca universal. Por todo o mundo, milhões de pessoas procuram o verdadeiro amor, o seu *amore*, a sua *âme soeur*, aquela pessoa especial com quem passarão o resto da sua vida.

E eu não sou diferente.

Só que não acontece a todos. Alguns passam toda a vida à procura e nunca encontram essa pessoa. É uma questão de sorte.

Se, por algum milagre, tiverem a sorte de encontrar a Tal, façam o que fizerem, não deixem fugir essa pessoa. Porque não terão outra oportunidade.

As almas gémeas não são como os autocarros; não haverá outra a passar dentro de poucos minutos. Por isso se diz «a Tal».

Enfim, se houvesse carradas delas, dir-se-ia «as Cinco» ou «as Cem» ou «as Infinitas».

Por isso, talvez para mim a oportunidade tenha passado. Porque, vocês estão a ver, eu *tive* essa sorte. Eu encontrei o Tal, mas depois perdi-o. Eu estraguei tudo, ou ele estragou tudo. No fim de contas, isso não interessa verdadeiramente. Os detalhes não são importantes.

Além de que não é que eu seja *infeliz*. Como é aquela frase? É melhor ter amado e perdido, do que nunca ter amado. Para dizer a verdade, já raramente penso nisso.

E contudo...

Por vezes, quando menos espero, algo me faz recordar. Dele. De nós. De há muito tempo. Pode ser tão aleatório como um questionário numa revista ou tão inconsequente como uma mesa de restaurante na rua. E, por vezes, não consigo evitar perguntar-me como seria a minha vida se as coisas tivessem resultado. E se ainda estivéssemos juntos? E se tivéssemos vivido felizes para sempre? E se, e se, e se...?

Por vezes, tento mesmo imaginar como seria vê-lo de novo. O que é de loucos. Passou tanto tempo, que duvido sequer que o reconhecesse. Provavelmente, poderia passar por ele na rua sem saber quem era.

Oh, quem estou a querer enganar? Reconhecê-lo-ia num instante. Mesmo numa multidão.

E querem saber mais? Lá no fundo, sei que se o voltasse a ver, sentiria exatamente o mesmo.

Seja como for, é muito pouco provável, não é?, penso, contendo-me. Passaram dez anos desde a última vez que o vi. Uma década inteira. Um novo milénio. Quem sabe onde ele está ou o que faz...?

Adiante, um letreiro néon interrompe-me os pensamentos. *Scott's*. É isso! É o bar! Sentindo um palpitar de alívio, apresso o passo nessa direção.

Como eu disse, só temos uma oportunidade e eu tive a minha.

E afastando o pensamento da minha mente, empurro a porta para a abrir.

## CAPÍTULO DOIS

O interior está tenuemente iluminado, preenchido por uma clientela pós-laboral. Detenho-me à entrada. É um daqueles bares muito fixos de Nova Iorque, que vimos em filmes e na televisão. Várias mesas comprimem-se lá dentro e, estendendo-se a todo o comprimento, há um balcão de madeira escura polida, com reluzentes adereços em latão e centenas de diferentes garrafas de bebidas alcoólicas empilhadas por filas.

Sentada muito direita ao balcão, está uma rapariga de fato às riscas. Ela fala animadamente para o seu *BlackBerry*. Com o seu cabelo louro de corte curto e elegante e a imponente pasta de couro preto pousada num banco de bar ao seu lado, ela projeta uma figura verdadeiramente intimidante no meio da descontraída clientela de início da noite. Pensem no Michael Douglas como Gordon Gekko no *Wall Street* e, depois, imaginem uma versão feminina e ainda mais imponente.

É a minha irmã mais velha, Kate. Tem mais cinco anos do que eu, mas podiam ser vinte, pela forma como manda em mim como se eu fosse uma criança. Mas ela está habituada a mandar em pessoas. Tem não um, mas *dois* assistentes a trabalhar para si.

É quase sócia de uma importante firma de advogados, aqui em Manhattan, especializada em fusões e aquisições. Pessoalmente, não faço a mínima ideia do que *são* fusões e aquisições, muito menos tenho a capacidade de compilar relatórios de cem páginas sobre isso e ganhar casos de milhões de dólares.

Mas a minha irmã sempre foi o cérebro da família. Ela passou sete anos a estudar para ser médica e, depois, assim que se diplomou, mudou de ideias e tirou advocacia. Como se não fosse nada de mais.

Juro que passo maiores agonias a decidir que sandes comer ao almoço.

A Kate ficou com toda a inteligência e eu com toda a criatividade. Pelo menos é o que a minha mãe gosta de me dizer, embora por vezes me pergunte se não terá apenas sido para me fazer sentir melhor, depois de fracassar em

mais um teste de matemática. Enquanto os logaritmos me desconcertavam (e ainda me desconcertam — alguém me pode dizer exatamente *o que* é um logaritmo?), desenhar e pintar eram uma coisa natural, pelo que acabei na Faculdade de Belas-Artes.

Três gloriosos anos salpicados a tinta mais tarde, licenciiei-me e mudei-me para Londres. Tinha todos aqueles grandes sonhos. Eu ia ter uma espantosa carreira como artista. Ia fazer exposições em galerias por todo o país. Ia ter o meu próprio estúdio num *loft* superfixe em Shoreditch...

Bem, na realidade, não, não ia.

Para começar, fazem ideia de como são proibitivos os *lofts* em Shoreditch?

Não, eu também não fazia. Pois, deixem que vos diga. Custam uma verdadeira *fortuna*.

Não teria sido tão mau se eu vendesse os meus trabalhos artísticos. Enfim, pelo menos aí teria juntado umas poupanças. Durante uns oitenta anos, mas, ainda assim, seria *possível*.

Mas a verdade é que nunca vendi nenhum dos meus quadros. Pronto, está bem, vendi um, mas foi ao meu pai por 50 libras e só porque ele insistiu em fazer-me a minha primeira encomenda.

Que se revelou ser, também, a última. Passados seis meses a afundar-me cada vez mais em dívidas, tive de pôr de lado a pintura e procurar um emprego. Consequentemente, os meus sonhos de ser artista acabaram por ser apenas isso. Sonhos.

Mas é capaz de ter sido melhor assim. Eu era jovem, ingénua e irrealista. Provavelmente, nunca teria conseguido.

Pedindo licença por entre a multidão, abro caminho até ao bar.

Depois disso, trabalhei como temporária por uns tempos, mas era bastante má. Não sei datilografar e as minhas competências de arquivo são nulas, mas finalmente tive sorte e consegui um emprego numa galeria de arte em East End. De início, era simplesmente a rececionista, mas, com os anos, subi a pulso desde atender o telefone a trabalhar com novos artistas, organizando exposições e ajudando compradores com as suas coleções. Depois, há uns meses, ofereceram-me a oportunidade de trabalhar numa galeria em Nova Iorque.

É claro que aceitei logo. Quem não aceitaria? Nova Iorque é onde reside o mundo artístico, neste momento, e em termos de carreira era uma oportunidade fantástica.

Só que, para ser totalmente sincera, essa não foi a única razão porque decidi arrumar a minha tralha, deixar o meu apartamento partilhado e voar

três mil milhas para o outro lado do Atlântico. Foi em parte para esquecer o meu mais recente rompimento, em parte para fugir à perspectiva de mais um horrível verão britânico, mas sobretudo para arrancar a minha vida de um certo marasmo.

Não me interpretem mal — adoro o meu trabalho, os meus amigos, a minha vida em Londres. Só que... Bem, ultimamente tinha aquela sensação. Como se faltasse alguma coisa. Como se estivesse à espera de que a minha vida começasse. À espera de que alguma coisa acontecesse.

O único problema é que não sei exatamente o quê.

A minha irmã continua focada no seu *BlackBerry* e ainda não me viu a caminhar na sua direção. Desde que cheguei, tenho ficado com ela e o Jeff, o marido. Eles têm um apartamento de dois quartos em Upper East Side e tem sido ótimo. Tem sido também *desafiante*, digamos assim. Colocando-o da seguinte forma, nunca fiquei numa caserna militar, mas tenho a sensação de que seria semelhante. Simplesmente, sem o soalho de madeira *wenge* polido e a TV de ecrã plano.

Assim que lhe disse que vinha para cá, ela enviou-me uma lista das regras da casa. É ao ponto a que a minha irmã é organizada. Ela traça listas perfeitamente ordenadas, que vai riscando, uma a uma, com canetas de sublinhar especiais. Não que lhe chame maníaca...

Bem, não na cara dela, pelo menos.

Na realidade, somos totalmente opostas em tudo. Ela é louca; eu sou morena. Ela gosta de economizar; eu gosto de gastar. Ela é superarrumada; eu sou terrivelmente desordenada. Não que eu não tente manter as coisas arrumadas e no sítio — na verdade, estou *sempre* a arrumar, mas por alguma estranha razão isso só parece deixar tudo ainda mais desordenado.

A Kate é também uma fanática dos horários, enquanto eu nunca chego a tempo. Não sei porquê. Eu tento verdadeiramente ser pontual. Já tentei todos os truques — pôr o alarme quinze minutos mais cedo, adiantar a hora nos meus relógios, usar dois relógios de pulso —, mas acabo sempre por chegar tarde.

Como agora, por exemplo.

Como que planeado, ouço o meu telefone a soar, indicando que recebi uma mensagem. Apressadamente, tiro-o do bolso. Vou revelar-vos um segredo. Tenho um pouquinho de medo da minha irmã.

Clico no pequeno envelope no ecrã.

Mais cinco minutos e estás feita.

Ou, melhor, bastante medo.

— Estás atrasada.

Enquanto me deixo cair no banco de bar ao seu lado, ela nem levanta os olhos do *BlackBerry*. Em vez disso, continua a responder a um *e-mail*, uma prega vincada a meio da testa, como as que lhe vinculam as pernas das calças.

A Kate veste sempre calças. De facto, acho que a única vez que *não* a vi a usá-las foi no dia do seu casamento, há cinco anos. E foi só porque a mãe ficou toda chateada quando soube que ela ia vestir um fato de calças («Mas é da Donna Karan», protestou a minha irmã) e disse que os vizinhos iam pensar que a filha era lésbica. O que é um pouco ridículo, considerando que ela ia casar com o Jeff.

— Eu sei, desculpa — digo apressadamente, dando-lhe um beijo na cara.

— Já sabes como é... sou um desastre com direções.

— E horários — lembra ela, clicando em «enviar» com o polegar, depois voltando-se para mim.

Parece pálida, apesar de o Sol brilhar lá fora e estarem 24 graus. Mas a Kate raramente sai à rua. Durante a semana, está sempre à secretária do seu gabinete climatizado e aos fins de semana...

Bem, geralmente está também à secretária.

— Declaro-me culpada. — Aceno com a cabeça, simulando uma expressão arrependida. — Quanto vou apanhar? Dois anos? Cinco?

Ela sorri, contra a sua vontade. — Bem, não é a minha área de especialização, mas vejamos... Não há condenações anteriores? Circunstâncias atenuantes? — Ela martela os dedos sobre o balcão. — Provavelmente, safas-te com uma advertência e um compromisso de bom comportamento.

— Só isso? — Agora, rio-me.

— Mais uma multa — acrescenta ela, erguendo a sobancelha.

— Uma multa? — Franzo a testa. — De quanto?

— Hum... — Ela toca na ponta do nariz com o indicador, como sempre faz quando pensa. — Três bebidas. A dez dólares a bebida. Penso que 30 dólares devem chegar. — A minha irmã sorri-me com malícia. — Mais a gorjeta, é claro.

Ela é inegavelmente uma dura negociadora. Agora sei como vence aqueles casos de milhões de dólares.

— Espera... três bebidas?

— Tu, eu e a Robyn — explica.

— Oh, ela está aqui? — digo, surpreendida, procurando-a em volta.

— Foi à casa de banho. — Kate gesticula para o fundo do bar, onde, nesse

momento, vejo uma rapariga alta de cabelo encaracolado e rebelde, vestindo um cafetã em *tie-dye*, surgir do compartimento das mulheres. O seu rosto abre-se num imenso e excitado sorriso quando me descobre.

— *Queriiiiiiida!* — guincha ela, acenando freneticamente, enquanto corre ao nosso encontro, aparentemente alheia às pessoas com que esbarra, avançando direita a mim. Tipo a versão humana de um míssil termoguiado.

Observo, divertida. Umhas boas-vindas ligeiramente diferentes das da minha irmã, até então.

Lançando os braços, ela envolve-me numa névoa de óleo de patchouli e um tilintar de pulseiras de prata, empilhadas pelos seus antebraços sardentos acima, como molas de brincar.

Quem visse a Robyn a saudar-me, pensaria que somos amigas de toda uma vida, mas conhecemo-nos há apenas uma semana, quando respondi ao seu anúncio de alguém com quem partilhar o apartamento. Mudei-me para lá este fim de semana. Depois de algumas semanas de regras de casa da minha irmã — «1) Uso de escova de dentes elétrica não permitido após as 22h00». Aparentemente, isso acorda-a, porque ela gosta de se deitar às 21h30, para se conseguir levantar às 5h00 para ir ao ginásio. Pois, exatamente. *Cinco da manhã* —, eu sabia que era tempo de me mudar e arranjar o meu próprio espaço.

Bem, talvez «espaço» não seja o termo correto. «Arrumo de vassouras» seria uma descrição mais exata. Nova Iorque pode ser excitante, mas vem com uma etiqueta de preço avultada e, com o meu salário, só consigo pagar três metros quadrados num prédio de quatro andares sem elevador, em Lower East Side.

Ainda assim, o aspeto mais importante é que é todo meu. Bem, da Robyn, na verdade. Mais, adivinhem? Consigo ver o Empire State Building da minha janela!

Enfim. *Mais ou menos*. Não é exatamente da janela do *meu* quarto. A vista da janela do meu quarto é uma parede de tijolo, umas escadas de incêndio e alguns *graffiti* bastante interessantes. Mas consegue ver-se do quarto da Robyn. Se nos pendurarmos para fora da janela e semicerrarmos um pouco os olhos. Está definitivamente lá. Garanto.

— Achei que não ias conseguir — arquejo, libertando-me finalmente.

— O meu último cliente cancelou — explica ela, ainda a sorrir.

Os Americanos, notei, passam muito tempo a sorrir, mas ainda não percebi se estão realmente felizes ou se é um pretexto para mostrarem os dentes. A Robyn tem uns dentes brancos e perfeitos. Como teclas de piano.

— Disse que tinha medo de agulhas. O que tornou as coisas um tanto problemáticas, sendo eu acupuncturista.

— O que é que há com os homens e umas picadinhas? — ironiza Kate.

Abafo uma gargalhada, mas Robyn é alheia ao sentido de humor da minha irmã. — Não sei — diz ela com sinceridade, o rosto tornando-se sério. — Talvez os homens tenham um limiar muito mais baixo no que se refere à dor. As mulheres suportam a agonia do parto... as dores menstruais...

— A depilação à brasileira com cera — interpõe a minha irmã.

— Para não falar da dor emocional que as mulheres sofrem — continua Robyn, ignorando-a e tagarelando, indiferente. — Nós sentimos as coisas muito mais profundamente... Como, por exemplo, no outro dia, eu estava a ver televisão e havia toda uma rubrica dedicada à alimentação emocional...

Olho de relance para a minha irmã. De sobrelhas erguidas, ela fita Robyn com um misto de horror e incredulidade. Sinto uma pontada de preocupação. A minha irmã não é o tipo de pessoa com quem se fala de emoções. Ela não se emociona verdadeiramente. A única vez que a vi ligeiramente perturbada foi quando teve 99% num exame de Química.

— O marido tinha fugido com a melhor amiga dela e ela ganhou 91 quilos a comer *cupcakes*. Conseguem acreditar? Ficou tão devastada, que usou os *cupcakes* como forma de bloquear a dor. Eram *cupcakes red velvet* ao pequeno-almoço, *cupcakes* de chocolate duplo ao almoço, *cupcakes* de manteiga e limão ao...

— Então e o que vamos beber? — pergunto, intrometendo-me e mudando de assunto, antes que todas morrêssemos de sede.

— Um *whisky sour* — diz a minha irmã, sem hesitação.

— Robyn? — Tendo captado a atenção do *barman*, volto-me para ela, expectante.

— Hum... não faço ideia. — Arqueja, inspirando ar pela primeira vez em cinco minutos. — Deixa-me pensar. O que é que me apetece...? — Inclinando a cabeça, ela enrola pensativamente um caracol escuro em volta do dedo. — Algo doce...

— Um *lemon drop*? — sugere o *barman*, sorrindo amplamente.

Ela franze o nariz. — ... mas não demasiado doce.

— Nesse caso, que tal um *mojito*?

— Uuh! — Ela solta um gritinho de excitação. — Adoro *mojitos*!

— Ótimo. — O *barman* pega numa mão cheia de menta e agarra no almofariz e pilão.

— Mas não esta noite — acrescenta ela, passado um instante, e abanando a cabeça decidida.

O *barman* pouisa o pilão, cerrando o maxilar.

— Esta noite, apetece-me algo um pouco diferente — continua ela alegremente. Atrás de nós, forma-se uma fila, mas ela tagarela, completamente indiferente.

— Talvez um martíni? — O *barman* passa-lhe um *menu*. — Temos muitos tipos diferentes. Como o *ginger martini*.

— Hmm, parece delicioso... — arrulha ela.

O *barman* lampeja um olhar de alívio.

— ... mas o de romã, também — diz ela, percorrendo o *menu*. — Caramba, são tantos e parecem todos deliciosos. Oh, vejam, e este com líchias? A que é que sabe?

— Líchias — diz, impassível, a minha irmã.

Robyn levanta os olhos, sobressaltada. — Aliás, sabem que mais, acho que vou beber um copo de vinho — diz ela apressadamente, passando o *menu* ao *barman*. — Um branco qualquer. Não sou esquisita — acrescenta, evitando o olhar fixo da minha irmã.

— Eu bebo uma cerveja. — Sorrio. Nunca fui muito de *cocktails*. Deixam-me *demasiado* tocada.

— É para já. — O *barman* pega num *shaker*.

— Oh, só mais uma coisa... — Nas pontas dos pés, Robyn debruça-se subitamente sobre o balcão e estuda o *barman* sob as luzes. — Como se chama?

Fico boquiaberta. Caramba! Ouvi dizer que as mulheres americanas são confiantes no que toca a convidar homens para sair, mas isto é tão, enfim, *descarado*.

— Brad. — Ele sorri, exibindo-se com uma pequena imitação de Tom Cruise em *Cocktail*, com o *shaker*. — Porquê, também quer o meu número?

O rosto de Robyn cai em desapontamento. — Não, obrigada. — Recuando do balcão, ela suspira. — Só se o seu nome fosse Harold.

— Quem é o Harold? — pergunto, confusa.

— Eu não sei. — Ela encolhe os ombros. — Esse é o problema.

— Se procuras uma pessoa desaparecida, tenho bons contactos na Polícia de Nova Iorque — sugere Kate, prestável.

— A minha irmã é casada com um polícia — explico.

— A sério? — Os olhos de Robyn arregalam-se. — Que excitante!

— Nem por isso. — A minha irmã ri-se. — Tu não conheces o Jeff.

— Ou o Harold — relembra o *barman*, que tem estado a ouvir a conversa.

Parece vagamente contrariado em ter sido preterido por um perfeito estranho, com um nome de tio idoso.

— Ainda não, mas sei que ele anda por aí — diz Robyn, perfeitamente convicta. — Disse-me uma médium.

— Tu consultaste uma *médium*? — Kate fita-a, incrédula.

— Há um ano — assente Robyn, de rosto sério. — Disse que eu ia encontrar a minha alma gémea e que tenho de estar atenta a um Harold. — Ela procura o grande pendente de cristal rosa em volta do pescoço e aperta-o com firmeza. — No que toca ao amor, tenho de pôr toda a minha fé e confiança no poder do universo.

Olho de relance para a minha irmã. Ela esforça-se por conter o cinismo.

— E ela disse como era esse Harold?

Robyn faz uma pausa e olha furtivamente em volta para se certificar de que ninguém está a ouvir, como se receasse que alguém à escuta roubasse essa informação ultrassecreta e encontrasse o Harold primeiro. Satisfeita por a costa estar livre, sussurra num tom conspiratório: — Alto, moreno e atraente.

Pelo canto do olho, vejo o *barman* inchar o peito.

— Ora, aí está uma surpresa — comenta Kate com ironia, revirando os olhos.

— Aqui têm, minhas senhoras — interrompe o *barman*, colocando três bebidas no balcão à nossa frente. — São 28 dólares.

— Eu pago — digo eu, alcançando a minha mala. — É a minha vez. — Começo a vasculhar o interior pela carteira, mas está tão atulhado de coisas que não a consigo encontrar. As malas grandes podem *parecer* modernas, mas na realidade acabamos por transportar uma montanha de inutilidades.

Tiro para fora uma embalagem de *brownies* de chocolate, um *gloss* para os lábios coberto de algodão, o meu passe do Metro... Caraças! Tem de estar algures por aqui. Equilibrando a mala no meu colo, inclino-a para um dos lados para ver melhor quando esta de repente cai ao chão, lançando o seu conteúdo.

— Oh, bolas, deixa-me ajudar — exclama Robyn. Baixando-se, ela tateia em volta, ajudando a apanhar a minha tralha. — Ooh, o que é isto?

Lanço-lhe uma olhadela, vendo-a a segurar na revista que eu estava a ler no comboio. — Oh, não é nada — digo, estendendo a mão para a alcançar, mas demasiado tarde... ela já virou para a página do questionário.

Começa a ler em voz alta: — «Todos procuram a sua alma gémea. Faça o nosso Teste do Amor e descubra: Ele é o Tal?»

Ela fita-me, os seus olhos arregalados de excitação. — Uau, adoro estas coisas!  
— Porque é que isso não me surpreende? — diz Kate, pagando ao *barman* por mim.

Lanço-lhe um olhar agradecido. — É só um bocado disparatado — digo eu, sentindo as faces ruborescer de embaraço.

— Mas tu preencheste-o! — contesta Robyn, agitando-o como prova.

Oh, céus! Agora, sinto-me uma perfeita idiota.

— Estava aborrecida no Metro, sabes como é. — Tento manter um tom casual, não olhando para a minha irmã. Uma vez, quando eu era adolescente, ela apanhou-me a ler secretamente o meu horóscopo e o do Ricky, na escola, por quem tinha uma paixão desde sempre. Ela gozou comigo durante meses, depois disso.

Anos mais tarde, nada mudou.

— Dá cá isso, que eu deito fora. — Solto uma leve risada e estendo a minha mão, mas Robyn está debruçada sobre a revista, a cabeça inclinada, os olhos semicerrados de concentração.

— Então, qual foi o teu resultado? Ele era o Tal? — Ela levanta os olhos, o rosto ávido de expectativa.

— Ouve, lamento desiludir-te, mas «o Tal» é coisa que não existe — rejeita a minha irmã. — Isso é treta.

O rosto de Robyn ensombra-se, como uma criança de 6 anos a quem acabam de dizer que a Fada dos Dentes não existe. — Mas tu és casada — protesta veementemente. — Então e o teu marido?

— Então? — replica Kate, impassível. — Adoro o Jeff, não me interpretes mal, mas não diria que ele é a minha alma gémea.

— Não? — questiona Robyn num tom abafado.

— Não. — A minha irmã encolhe os ombros, displicente, e dá um gole na sua bebida. — Embora lhe chame muitas outras coisas — acrescenta, soltando um riso gutural.

Robyn parece abatida. — Então e tu, Lucy? — Ela volta-se para mim, desesperada. — O que achas? Acreditas no Tal, não acreditas?

Hesito. — Bem, hmm...

— Oh, desculpa! — Robyn bate subitamente com a sua mão na testa. — Mas que insensível que estou a ser. — Ela olha-me, o seu rosto cheio de remorsos. — A tua irmã referiu que tinhas rompido com alguém recentemente. Não pensei.

— Estás a falar do Sean? Oh, ele não foi nada de muito sério — tranquilizo-a eu, rapidamente.

— Ele não era o Tal? — diz ela conscientemente, recusando-se a encarar a minha irmã.

A minha mente faz surgir uma imagem de Sean com os seus *Crocs* roxos. Mesmo que as coisas tivessem sido perfeitas, aqueles *Crocs* estariam sempre entre nós. — Não, não era o Tal. — Rio-me, mas lá no fundo sinto aquela pontada familiar.

— Bem, não te preocupes — encoraja ela, batendo-me suavemente na mão. — Estou certa de que o vais encontrar.

Sorrio com tristeza. — *Aí é que está.* Eu já o encontrei.

Ouve-se um sonoro gemido da Kate. — Oh, por favor, não o Tipo da Ponte!

— O nome dele era Nathaniel — replico, lançando um olhar rápido à minha irmã.

Ela revira os olhos de impaciência. — Lucy, quando é que o vais esquecer e seguir adiante?

— Eu segui adiante — dispero, na defensiva. — Tive montes de namorados.

— Continuas presa àquele rapaz.

— Não continuo nada!

— Então, porque respondes a esse questionário estúpido?

— E depois? Isso não significa nada!

— Quase nada!

A cabeça da Robyn move-se para a frente e para trás, entre mim e a Kate, como se fosse uma partida de ténis. — Então, meninas! — grita, estendendo as mãos cingidas a prata, para acabar com o que está em risco de se tornar uma das nossas brigas de irmãs.

Acreditem, é algo em que *ambas* somos boas.

— Alguém se importa de me pôr a par?

Trocamos olhares. Com reserva, Kate volta de novo a atenção para a sua bebida.

Resto eu.

Hesito.

— E então? — Robyn olha-me, expectante.

— Oh, não é nada — murmuro com indiferença.

— Não me pareceu de todo que fosse nada — observa Robyn, erguendo as sobrancelhas. — Vá, dá-me todos os detalhes suculentos.

Penso em resistir, mas a cerveja traça um caminho morno dentro de mim e consigo sentir as minhas defesas a enfraquecer.

— Preciso de te lembrar que espeto agulhas em pessoas como profissões? — Ela dispara-me o seu olhar mais ameaçador, que não podia ser *menos* ameaçador, mas ainda assim.

Engulo com dificuldade, a minha mente recuando. — Foi no verão de 1999. Eu tinha 19 anos e estava a estudar Arte em Veneza, Itália. — Começo a falar apressadamente, despejando as palavras. A minha vontade é despachar logo tudo. — O nome dele era Nathaniel, tinha 20 anos, um americano no programa de verão de Harvard a estudar os pintores renascentistas. Depois, eu regressi a Inglaterra e ele à América...

— Saltaste a parte da ponte — interrompe a minha irmã.

Quebrado o meu *momentum*, lanço-lhe um olhar furioso, mas ela finge estar focada na sua bebida, como se não tivesse dito nada.

Volto-me de novo para a Robyn. — Desculpa, estou a precipitar-me. Primeiro, devo contar-te como tudo começou. — Enquanto a memória flui de volta, o meu estômago começa a agitar-se vertiginosamente e respiro fundo para firmar a minha voz. — Deixa que te conte a lenda da Ponte dos Suspiros...